

SÔNIA QUEIROZ

AS DUAS ESTAÇÕES DA TERRA

és como o pássaro  
que deixei pousar no coração  
e aí te quero

sobre minha comoção  
adormecida  
capim macio, repousas  
e assim te quero

e se por vezes  
desperta do seu sono leve  
te perturba minha paixão  
desapertada

aprende: é natural  
a explosão do incontinente  
incontingente  
sentido

canta, flautista  
com teu bico de plumas  
entorpece-o

PROJEÇÕES

esperaremos o momento  
do maior, absoluto  
desassossego?  
as crianças virão nos cercar  
reclamando: pai!  
e nós as olharemos tontos  
tomados de vaidade  
e em grande medo.  
as crianças virão nos beijar e  
clamaremos: mãe!  
ou escolheremos a sorte  
dos corações afoitos?  
ah, meu amor  
eu te direi, ah, repetirei  
o coração tão louco  
e atordoado  
me olharás sem termo  
eu sem pudor  
oferecendo o corpo e  
nós descomedidos  
sempre  
estaremos atentos, sóbrios  
e desvairadas  
todas as paixões  
obrigatoriamente.

CONSTERNAÇÃO DA ESPOSA PERVERSA

quando ele chega e espalha seus pertences  
suas roupas, seus papéis  
se instala inteiro  
nesta casa que é minha  
e eu sei então que é dele

quando se impõe assim sua presença  
e sobre mim se instaura o peso da palavra  
nós  
então pressinto o amor  
que me penetra, perfurante, cortante, me repassa

eu que confundo compartilhar e compartimentar  
e sobre os objetos prefiro legislar sozinha  
então sinto que o amor, não mais uma visita,  
é mais que isso: invasor de domicílio.

SÔNIA QUEIROZ

DAS ESPOSAS

estavas linda Inês  
posta em sossego  
e Xica pegando fogo  
nos leitos do São Francisco  
e Marília se escaldando  
pelas montanhas de aço

a do Norte, Stella, morde  
a fome do Rio Doce  
Joaquina mata e condena  
ao ferrão, chicote, os frouxos.  
Beja Bela, em teus segredos  
roncam prazeres do Inferno.

Mariana, Vila Rica  
ah, esses currais de El Rey  
adormecem os gemidos  
e amortecem os gestos  
e amordaçam os dentes  
da fêmea carne das minas

dourada nas cabeceiras  
fotografia adorada  
das memórias da família  
monograma de enxoval  
tarja de negro bordado  
no paletó dos maridos

tempero nunca igualado  
fruta mais adocicada  
lençol mais alvo e macio  
o cheiro só preferido  
o vinho mais cobiçado  
do paladar dos maridos

riso meigo na poltrona  
mão de fada na costura  
no forno, fogão, mão cheia  
no leito, mão de veludo  
passeia sempre rainha  
o domínio dos maridos

o cordeiro idolatrado  
de ouro, sedas, a pérola  
recato mais cultuado  
destreza só de cigana  
convertida, e só rezada  
no domingo dos maridos.

linda Inês, em teu sossego  
desconheces os gemidos  
os jeitos, gestos, os dentes  
o choro, o gozo, o repasto  
negado, sempre negado  
à fêmea carne das minas.

Do livro *O sacro ofício*. Belo Hori -  
zonte, Ed. Comunicação, 1980. p. 25.